

A percepção de vulnerabilidade da população adolescente sobre o HIV/Aids

Perception of vulnerability related to HIV/Aids by the adolescent population

João Victor Batista Cabral¹, Fábio Henrique Portela Corrêa de Oliveira², Danielle Cavalcanti de Almeida Messias³, Kesia Lucilia Leite Martins Santos⁴, Vandêlza Bastos⁵

1. Especialista em UTI Geral – Docente na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
2. Mestre em Biotecnologia de Produtos Bioativos – Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
3. Enfermeira – Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU
4. Enfermeira – Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU
5. Enfermeira – Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU

CONTATO: João Victor Batista Cabral | Rua Alto do Reservatório, S/n | Bela Vista | Vitória de Santo Antão | Pernambuco | CEP 55608-680 | Fone: +55 (81) 99892-5309 | E-mail: jvbcabral@gmail.com

Resumo Abordar a problemática HIV/Aids na população adolescente implica na necessidade de se obter subsídios para desenvolver estratégias voltadas para o cuidado ao portador, bem como no planejamento e execução de novas práticas de prevenção e conscientização. O presente estudo objetivou analisar a percepção da população adolescente sobre HIV/Aids, por meio de uma revisão integrativa, cujos dados foram coletados nas bases de dados LILACS e SciELO, publicados entre 2008 e 2015. A análise dos estudos selecionados, em relação ao delineamento de pesquisa, pautou-se em Mendes, Silveira e Galvão (2008) e Souza et al. (2011). Foi evidenciado que os adolescentes não se consideram vulneráveis ao contágio pelo HIV e desenvolvimento da Aids. Verificou-se também que vários são os fatores que o levam a essa conclusão, tornando a prevenção um desafio constante e necessário, além da conscientização de que, independente da faixa etária, a vulnerabilidade ao HIV/Aids existe desde que práticas de risco sejam realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente. Vulnerabilidade. HIV/Aids. Percepção.

Abstract Addressing the issue HIV/Aids in adolescents implies the need to get grants to develop strategies for the care of the host, as well as planning and implementing new practices for the prevention and awareness. This study aimed to analyze the perception by adolescents of HIV/Aids, through an integrative review, with data collected in the databases LILACS and SciELO, published between 2008 and 2015. The analysis of the selected studies, in relation to research design, was in accordance with Mendes Silveira and Galvão (2008) and Souza et al. (2011). It was shown that adolescents do not consider themselves vulnerable to infection by HIV and the development of Aids. It was also found that there are several factors that lead to this conclusion, making prevention a constant and necessary challenge besides the awareness that, regardless of age, vulnerability to HIV/Aids exists since risk practices are carried out.

KEYWORDS: Adolescent. Vulnerability. HIV. Aids. Perception.

Introdução

A adolescência caracteriza-se com um período de mudanças e transição dos aspectos físicos, sexuais, cognitivos e emocionais. É uma fase de reorganização emocional, de turbulência e instabilidade integrantes do processo de mutação biopsíquico que os adolescentes estão destinados. A corrente da identificação da adolescência como uma fase de “tempestade e estresse” e dos adolescentes como “conflituosos e conturbados” ainda perdura na sociedade, embora hoje se perceba que esta concepção foi “grandemente exagerada”¹.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência corresponde ao período de 10 a 19 anos e refere-se à integração das mudanças físicas, que decorrem durante a puberdade como a perda do corpo sexualmente indiferenciado de criança e de tantas outras que são vividas e caracterizadas pela vulnerabilidade decorrente das características da própria idade, da falta de habilidades para a tomada de decisões, das dificuldades e também da inexperiência ao lidar com os seus sentimentos^{2,3}.

O cuidado ao adolescente requer atenção especial por ser esta fase marcada por mudanças

intensas e multidimensionais e pelo fato do adolescente enfrentar processos conflituosos. Tanto o autoconceito quanto a autoestima são a base da representação social que o adolescente tem de si mesmo, carecendo de aporte cognitivo e estrutural para a construção de sua personalidade^{1,4}.

Tal fase tende a se agravar com a ocorrência de uma doença grave e muitas vezes desconhecida. Repensar a adolescência é importante não só para os adolescentes, mas principalmente para aqueles que vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e/ou com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), uma vez que suas representações sociais sobre o ser/estar podem limitar o acesso a outras múltiplas possibilidades de ser/fazer⁵.

A infecção pelo HIV e a ocorrência da Aids levam a alterações múltiplas, contínuas e severas nas defesas do hospedeiro e apresenta-se como problema preocupante para a saúde pública mundial, tendo em vista o contínuo crescimento da infecção na população, apesar dos avanços científicos e investimentos para seu controle e terapia. A cada minuto, em todo o mundo, quatro jovens e uma criança são infectadas pelo HIV^{6,7}.

No Brasil, no início da década de 1980, a Aids atingia principalmente os usuários de drogas injetáveis, homossexuais masculinos, assim como os indivíduos que receberam transfusão de sangue. Já a partir dos anos 90 a transmissão heterossexual passou a ser a principal via de contágio do HIV, acompanhada da expressiva participação das mulheres na dinâmica da epidemia⁸.

A investigação da vulnerabilidade dos jovens à infecção, considerando-se a relação entre os aspectos individuais, sociais e programáticos nos quais estes indivíduos estão inseridos, reconhece a determinação social da doença e busca identificar suas verdadeiras causas. As vulnerabilidades dos jovens à epidemia são diversas, envolvendo aspectos como a iniciação sexual precoce, necessidade de aceitação e inserção em grupos sociais, aumento do consumo de álcool e outras drogas e questões de gênero, e muitos deles consideram-se suficientemente informados, a ponto de não perceberem o risco de adquirir o HIV⁶.

Abordar a problemática HIV/Aids na população adolescente implica na necessidade de obter subsídios para desenvolver estratégias voltadas para o cuidado ao adolescente portador, bem como no planejamento e execução de novas práticas de prevenção e conscientização, uma vez que a ausência de conhecimento, o nível social desfavorável, a falta de políticas voltadas a esta população e a iniciação sexual cada vez mais precoce são fatores decisivos para o aumento da incidência do HIV/Aids neste grupo. Deste modo, o objetivo deste estudo foi compreender a percepção da população adolescente a respeito da vulnerabilidade sobre o HIV/Aids.

Metodologia

Este estudo fundamentou-se na revisão integrativa descritivo-exploratória, que consiste na elaboração de ampla análise literária e na promoção de discussões sobre métodos e resultados de pesquisas. O estudo de revisão integrativa é realizado através de seis etapas: seleção de questões para a revisão; seleção dos estudos que irão constituir a amostra da revisão; definição das características primárias que compõem a amostra da revisão; análise dos achados dos artigos; interpretação dos

resultados; e relato da revisão, proporcionando exame crítico dos achados^{9,10}. Nesta revisão, optou-se por seguir essas etapas.

A coleta de dados foi realizada a partir de fontes secundárias, por meio de levantamento e análise bibliográfica de publicações realizadas entre os anos de 2008 a 2015. Para realização da busca dos artigos, o delineamento deste estudo guiou-se pela seguinte pergunta condutora: “Qual a percepção de vulnerabilidade da população adolescente sobre o HIV/Aids?” e através de busca pelas palavras-chave na Biblioteca Virtual em Saúde - BVS por meio das fontes de dados Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde – LILACS e associada ao repositório *Scientific Electronic Library Online* – SciELO.

Consultando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), foram selecionadas as palavras-chave “Adolescente; Vulnerabilidade; HIV; Aids; Percepção” utilizadas de forma conjunta com a utilização do operador booleano “and”.

Foram encontrados 20 artigos, destes, 10 foram selecionados como amostra final e discussão e os demais como fomento para discussão e construção teórica do trabalho. Os critérios de inclusão definidos para a seleção foram: artigos publicados em língua portuguesa, disponíveis *on-line* de forma gratuita, com texto completo, que retratassem a temática abordada, artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados no período já mencionado. Excluíram-se artigos de opinião e editoriais ou não conformes com os critérios de inclusão.

A coleta dos dados guiou-se pelos critérios acima estabelecidos e pela leitura crítica dos resumos de cada artigo e posterior leitura na íntegra, caso o mesmo fosse coeso com a temática proposta. Ressalta-se que alguns artigos da amostra apresentaram-se essenciais à construção bibliográfica, sendo também utilizados no decorrer do texto.

Resultados e discussão

Para a expressão dos dados dos artigos, foi elaborado instrumento (Quadro1) que contém os seguintes itens: ano de publicação, base de dados/

periódico de publicação, autor, título do artigo, tipo de estudo e evidências.

A amostra final desta revisão foi constituída por dez artigos científicos, selecionados pelos critérios

de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Destes, 08 foram encontrados na base de dados SciELO e dois na LILACS, conforme pode ser visto no quadro 1.

Quadro 1. Artigos levantados nas bases de dados LILACS e SciELO sobre a Percepção de Vulnerabilidade da População Adolescente sobre o HIV/Aids.

| ANO | BASE / REVISTA | AUTORES | TÍTULO | TIPO DE ESTUDO | EVIDÊNCIAS |
|------|--|-----------------------|---|---|---|
| 2010 | SciELO / Saúde e Sociedade | Camargo, B.V; Et al. | Relações Amorosas, Comportamento Sexual e Vulnerabilidade de Adolescentes Afrodescendentes e Brancos em Relação ao HIV/Aids | Descritivo / Quali-quantitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Influência do Nível Sociocultural; - Uso do Preservativo; - Afrodescendentes iniciam a atividade sexual mais cedo; - Brancos têm mais relações sexuais e usam menos preservativo; - Ambos sofrem com o desconhecimento da doença. |
| 2009 | SciELO / Adolescência e Saúde | Taquette, S. | Feminização da Aids e Adolescência | Revisão / Exploratório / Descritivo | <ul style="list-style-type: none"> - Verificou-se a mudança do perfil epidemiológico da Aids; - Feminização e Pauperização; - Tendência de infecção de mulheres por via heterossexual. |
| 2012 | LILACS / Revista Rene | Bezerra, E. O; Et al. | Análise da Vulnerabilidade Sexual de Estudantes Universitários ao HIV/Aids | Exploratório / Qualitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Conhecimentos limitados sobre prevenção ao HIV; - Atitudes favoráveis ao uso do Preservativo; - Baixa percepção do risco em suas práticas; - Desconhecimento da situação sorológica; - Necessidade de se investir em ações educativas sobre sexualidade e DST/Aids na universidade. |
| 2011 | SciELO / Adolescência e Saúde | Santos, C. P; Et al. | Vivência das Adolescentes e Jovens com HIV: Um estudo Fenomenológico | Fenomenológico / Qualitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Identificação dos sentimentos e necessidades das adolescentes com HIV: enfrentando as dificuldades, cuidando da saúde, desejando a cura e buscando o trabalho. |
| 2010 | SciELO / Cogitare Enfermagem | Ribeiro, A.C; Et al. | Perfil Clínico de Adolescentes que têm Aids | Documental / Descritivo / Quantitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Fragilidade clínica pelo comprometimento imunológico; - Vulnerabilidade às doenças oportunistas; - Necessidade de seguimento clínico e laboratorial permanentes; - Adesão ao tratamento; - Efeitos adversos; - Falhas terapêuticas. |
| 2011 | SciELO / Ciência e Saúde Coletiva | Paiva, V; Et al. | A Sexualidade de Adolescentes Vivendo com HIV: Direitos e Desafios para o Cuidado | Exploratório / Qualitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Despreparo; - Desinformação sobre prevenção; - Falta de apoio para lidar com a situação; - Estigma e a discriminação. |
| 2012 | SciELO / Sexualidade Salud y Sociedad | Cunha, C.C. | Os Muitos Reverses de Uma 'Sexualidade Soropositiva' jovens vivendo com HIV/Aids | Exploratório / Qualitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Adolescentes soropositivos precisam desenvolver crenças acerca de si, no sentido sexual. |
| 2010 | SciELO / Estudo de Psicologia | Camargo, B.V. Et al. | Vulnerabilidade de Adolescentes Afrodescendentes e Brancos em Relação ao HIV/Aids | Comparativo / Quantitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Atitudes favoráveis ao preservativo; - Os brancos consideram-se mais bem informados sobre Aids do que os afrodescendentes; - A vulnerabilidade diante do HIV/Aids apresentou-se associada à situação sociocultural desfavorável e não a fatores étnicos. |
| 2011 | LILACS / Cuidado é Fundamental. | Neves, C.V.A; Et al. | Percepção e Sentimento do Adolescente Portador de HIV/Aids | Revisão Integrativa | <ul style="list-style-type: none"> - Levantar elementos presentes na vida do portador de uma doença incurável. |
| 2010 | SciELO / Psicologia: Teoria e Pesquisa | Salles, C.M.B; Et al. | Adesão ao Tratamento por Cuidadores de Crianças e Adolescentes com HIV/Aids | Descritivo / Transversal / Quantitativo | <ul style="list-style-type: none"> - Não se observaram diferenças significativas quanto ao enfrentamento entre os grupos, excetuando a busca de práticas religiosas/pensamento fantasioso. |

Pode-se evidenciar a distribuição das produções, de acordo com o ano de publicação nas referidas bases, com maior ocorrência no ano de 2010 e 2011 e menor número de produções, no ano de 2003 e 2012, não sendo encontradas publicações nos anos de 2008. Foi observado que houve um número significativo de pesquisas de campo, com metodologia diversificada e apenas dois utilizaram o método de revisão.

A discussão dos resultados será dividida em subtópicos, de acordo com a evolução apresentada pela amostra, de modo a permitir uma construção ideológica clara a respeito da vulnerabilidade dos adolescentes frente ao HIV/Aids.

O USO DO PRESERVATIVO NA PERCEPÇÃO ADOLESCENTE

Muitos fatores são importantes e decisivos para que a contaminação do jovem com o HIV aconteça: a não utilização do preservativo é um dos fatores mais importantes e de extrema urgência, uma vez que o maior índice de contaminação da doença entre os jovens ocorre por meio da via sexual e, porém, nos estudos avaliados, evidencia-se que os adolescentes são resistentes ao seu uso. A falta do preservativo no momento da relação sexual, a diminuição do prazer e continuidade de um relacionamento estável e duradouro, são sempre questões citadas para a sua não aceitação^{8,6,11}.

Em um estudo realizado em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro evidenciou-se que o preservativo é o método mais conhecido entre os jovens. Todavia, é alto o percentual de jovens que fazem uso da pílula anticoncepcional o que leva ao abandono do uso de preservativo, tornando-se preocupante em relação às práticas preventivas adotadas, pois tal método previne apenas a gravidez e não as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)².

Em outro estudo, do ano de 2013, realizado com adolescentes de um grupo religioso sobre a temática HIV/Aids, foi demonstrada a não aceitação dos jovens com relação a informações relacionadas ao uso do preservativo e associaram a prevenção à castidade e fidelidade após o casamento, principalmente nas adolescentes do sexo feminino. Esta concepção é particularmente preocupante,

uma vez que este grupo apresenta-se instável em relação a sentimentos, não sendo a castidade como um fator de segurança efetiva. Neste contexto torna-se necessário o reconhecimento do preservativo como o método mais efetivo a ser utilizado⁴.

O ADOLESCENTE SE SENTE VULNERÁVEL À CONTAMINAÇÃO PELO HIV/AIDS?

A dificuldade em relação ao uso do preservativo relaciona-se ao fato de que o adolescente se considera imune à contaminação. Em estudo que buscou compreender na população adolescente o conhecimento e percepção de risco sobre HIV/Aids, observou-se que todo indivíduo é, em algum grau, vulnerável à infecção¹². No grupo adolescente este fato torna-se preocupante, em decorrência do desconhecimento em relação às vias de contaminação e métodos corretos de prevenção. Pesquisadores¹³ analisaram as relações amorosas e o comportamento sexual de adolescentes e verificaram que os jovens estão particularmente vulneráveis por estarem no início de sua vida sexual e por apresentarem em geral comportamentos de experimentação arriscada com sentimento de invulnerabilidade.

Em outro estudo relativo às diferenças entre adolescentes do sexo masculino e feminino na vulnerabilidade individual ao HIV/Aids foi evidenciado que as mulheres estão mais vulneráveis pela falta de poder de negociação e controle sobre a relação¹¹.

Fator comum nos estudos avaliados é a relação da vulnerabilidade aumentada nos jovens com menor poder aquisitivo. Aqueles com menor escolaridade, que residem nas periferias com precariedade de moradia, os que têm família que passa por alguma situação de crise, os usuários de drogas, os que são isolados socialmente e os que sofrem violência intrafamiliar têm como consequência menor acesso à informação, o que os levam à iniciação sexual mais precoce e desprotegida¹⁴.

INÍCIO E ENTENDIMENTO DAS RELAÇÕES AMOROSAS

No Brasil, a sexualidade nunca foi vivenciada de forma tão livre como atualmente¹⁵. Estudos mostraram¹⁶ que a idade média da iniciação

sexual é dos quatorze anos e meio aos dezessete anos e meio. Outro estudo¹³ aponta que a idade média da iniciação sexual é quatorze anos e nove meses. Associada a esta temática vem a questão de como esse adolescente percebe essas relações “amorosas”, uma vez que a sua sexualidade é vista como exacerbada e descontrolada. De acordo com o mesmo autor em outra amostra relativa à vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e brancos com relação ao HIV/Aids em 2010, foi evidenciado que pouco mais de dois terços dos participantes, de um total de 175, costumam “ficar”, e uma maior parte relata não ter esse tipo de comportamento.

Em outra amostra deste mesmo autor, foi visto que, embora o ficar seja uma forma de relacionamento bastante comum na atualidade, a prática das relações sexuais em contextos de relações afetivas pode se apresentar de maneira distinta para homens e mulheres. Foi possível perceber que as mulheres iniciam sua vida sexual predominante em contextos de relacionamento afetivo estável, enquanto os homens em relações esporádicas¹³.

COMO O ADOLESCENTE SE VÊ PORTADOR DO HIV/AIDS?

Um estudo referente à vivência de adolescentes com HIV/Aids¹⁵ mostrou que o adolescente soropositivo sente-se diferente dos demais em relação aos cuidados especiais como acompanhamento médico frequente, uso de medicações, limitações de seus movimentos, além de sua aparência física. Porém, não lhes agrada serem vistos como pessoas que têm um problema de saúde, carregando o estigma de doente, uma vez que desejam ser vistos como pessoas normais. Outros mencionam situações nas quais o estigma e a discriminação são evidenciados no cotidiano e, por isso, optaram por esconder o status sorológico.

Em outra amostra de adolescentes¹⁷, foi evidenciado que os jovens portadores de HIV/Aids se relacionam com familiares e amigos e mantêm com estes atividades de convivência afetiva não conjugal cotidianas e de lazer normais.

ADESÃO DOS ADOLESCENTES À TERAPIA ANTIRRETROVIRAL

A adesão ao tratamento é outro ponto crucial para o controle da doença com supressão da replicação viral. Estudos apontam que a lembrança do HIV, o fato de tomar uma medicação para algo que não tem cura e a não aceitação da doença constituem fatores que influenciam, diretamente, na adesão medicamentosa¹⁷. Associado a esta opinião, no estudo sobre o silêncio no cotidiano do adolescente com HIV/Aids¹⁸, outros fatores foram citados como causas para a não adesão: a intolerância ao cheiro e ao gosto, tamanho, quantidade e uso prolongado, inclusive as embalagens são determinantes para a não adesão ao tratamento.

Muitos adolescentes evitam tomar os medicamentos no intuito de preservar seu bem-estar uma vez que os efeitos colaterais são frequentes, tais como diarreia, vômitos e rash cutâneo. Outros fatores mencionados são a complexidade do esquema, forma de armazenamento, número de doses, horário das doses que podem gerar conflito com as rotinas e o estilo de vida, como, por exemplo: o horário de acordar, das refeições e da escola e/ou trabalho¹⁹.

Seguindo o raciocínio da adesão, ainda no estudo acima¹⁹ é relatado que, em crianças e adolescentes soropositivos, a efetividade do tratamento antirretroviral não depende exclusivamente do próprio paciente, mas também da adesão do cuidador. Este precisará lidar com uma série de desafios, e quanto maior o seu conhecimento sobre as implicações do diagnóstico e tratamento maiores serão as chances de o cuidador desenvolver habilidades de enfrentamento favorecendo a adesão.

EDUCAÇÃO SEXUAL COMO FERRAMENTA PREVENTIVA

No início da epidemia do HIV/Aids, a saúde pública trabalhava com o conceito de “grupos de risco”, constituídos por homossexuais, usuários de drogas injetáveis, hemotransfundidos e prostitutas²⁰. Com o passar dos anos esse conceito modificou-se, houve a feminização da transmissão

por via heterossexual, adolescentes passaram a se contaminar, assim como os idosos⁸. É notório que a escola é a principal fonte de conhecimento e informação com relação aos jovens, porém, segundo uma pesquisa realizada²¹, as escolas em geral possuem dificuldade de lidar com esse tema, pois ainda não existe preocupação das autoridades educacionais e das escolas para que uma disciplina possa fazer parte dos currículos ou da formação dos professores.

Em estudo sobre o perfil clínico de adolescentes que têm HIV/Aids²², foi visto que cabe aos profissionais aprimorar o acesso dos adolescentes ao serviço de saúde para favorecer o acompanhamento clínico e a adesão ao tratamento, e promover a educação em saúde para prevenir a transmissão do HIV, além disso, enfatiza-se que o papel do serviço de saúde não é o de controlar o exercício da sexualidade dos adolescentes, mas, sim, fornecer subsídios para uma vida plena e segura e promover a autonomia para o cuidado de si.

Em outro estudo²³ chegou-se à conclusão que, nesta era da propagação do HIV/Aids, tornam-se necessárias a elaboração e a implementação de projetos educativos e preventivos relacionados com o exercício da sexualidade de jovens nos programas de saúde dos governos federal, estadual e municipal, visando diminuir o número de novos casos de mortalidade e morbidade, todavia a carência de informação sobre a promoção e prevenção da saúde é bastante considerável nessa faixa etária.

Conclusão

De acordo com a análise bibliográfica realizada, verificou-se que os estudos avaliados evidenciaram diversos fatores de influência na percepção dos adolescentes sobre o HIV/Aids, de modo que a sua concepção a respeito da vulnerabilidade à condição de saúde é correlacionada com o nível sociocultural, conhecimento da doença, utilização do preservativo, adesão ao tratamento e, em alguns casos, à raça/cor. Tais aspectos mostraram-se favoráveis para a construção do estigma negativo e relatos de discriminação em relação ao HIV/Aids.

Com a mudança do perfil da população acometida e com o avanço da terapia antirretroviral,

o HIV/Aids deixou de ser uma doença fatal passando a ser uma doença de caráter crônico, delineando um novo cenário voltado à preocupação em relação aos adolescentes e com eles várias questões começaram a ser abordadas, como, por exemplo, sua percepção de vulnerabilidade à contaminação.

Verificou-se com este estudo que o jovem hígido não se sente vulnerável em contrair a doença. Este se apoia na sensação de “imortalidade” comumente vivida pelos adolescentes e também na concepção formada, infelizmente, pela precariedade de informação e questões socioculturais que ainda permeiam a temática do HIV/Aids na sociedade moderna, o que favorece a precocidade de relações sexuais, de uma forma, na maioria das vezes, desprotegida.

A falta de programas de educação sexual nas escolas, centros de saúde e meios de comunicação são fatores que dificultam o acesso à informação dessa população, tornando a prevenção um desafio constante, além da conscientização de que, independente da faixa etária, a vulnerabilidade ao HIV/Aids existe, desde que práticas de risco sejam realizadas. Esta concepção deve ser profundamente difundida nos adolescentes, uma vez que estes possuem déficits educacionais e culturais em relação à sexualidade, o que os tornam vítimas não só da doença, mas também da ausência de ações educacionais em relação às práticas preventivas e apoio social.

Referências bibliográficas

1. Assis SG, Avanci JQ, Silva CMS, Malaquias JV, Santos NC, Oliveira RVC. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciênc Saúde Colet* 2003; 8(3):669-680.
2. Oliveira DC, Pontes APM, Gomes AMT, Ribeiro MCM. Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. *Esc Anna Nery Rev Enferm* 2009; 13(4): 833-841.
3. Cunha IMG, Marques ME. A construção do eu adolescente na relação com o(s) Outro(s): O igual, o diferente e o complementar através do Rorschach. *Anál Psicol* 2009; 27(3): 247-257.
4. Ferreira AGN, Vieira NFC, Transferetti JA, Galvão MTG, Gubert FA, Pinheiro, PNC. Dialogando com adolescentes de grupos religiosos sobre HIV: Desafios para a Enfermagem. *Texto & Contexto Enferm* 2013; 22(4): 952-960.
5. Berni VL, Roso A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. *Psicol Soc (Online)* 2014; 26(1): 126-136.

6. Bezerra OE, Chaves ACP, Pereira MLD, Melo, FRG. Análise da vulnerabilidade sexual de estudantes universitários ao HIV/AIDS. *Rene* 2012; 13(5): 1121-1131.
7. Paiva V, Ayres JRCM, Segurado AC, Lacerda R, Silva, NG, Silva MH, Galano E, Gutierrez PL, Marques HHS, Negra MD, França-Jr I. A sexualidade de adolescentes vivendo com HIV: direitos e desafios para o cuidado. *Ciênc Saúde Col* 2008; 16(10): 4199-4210.
8. Neves CVA, Araújo EC, Carvalho KEG, Silva ALMA, Vasconcelos EMR, Bezerra SMMS. Percepção e sentimento do adolescente portador de HIV/AIDS: Revisão integrativa. *R Pesq: Cuid Fundam (online)* 2011; 3(4): 2412-2425.
9. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão Integrativa: Método de Pesquisa para a Incorporação de Evidências na Saúde e na Enfermagem. *Texto & Contexto Enferm* 2008; 17(4): 758-64.
10. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*. 2010; 80(1):102-106.
11. Anjos RHD, Silva JAS, Val LF, Rincon LA, Nichiata LYI. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. *Rev Esc Enferm USP* 2012; 46(4): 829-836.
12. Ferreira MP. Conhecimento e percepção de risco sobre HIV/AIDS: Um perfil da população brasileira no ano de 1998. *Cad Saúde Públ* 2003; 19(Sup.2): 213-222.
13. Camargo BV, Giacomozzi AI, Wachelke JFR, Aguiar A. Relações amorosas, Comportamento Sexual e Vulnerabilidade de Adolescentes Afrodescendentes e Brancos em Relação ao HIV/AIDS. *Saúde e Soc* 2010; 19(supl.2): 36-50.
14. Barros ACMW, Bastos OM, Pone MVS, Deslandes SF. A violência intrafamiliar e o adolescente que vive com HIV/AIDS por transmissão vertical: análise dos fatores de proteção e de vulnerabilidade. *Ciênc Saúde Col* 2013; 18(5): 1493-1500.
15. Kourouski MFC, Lima RAG. Adesão ao tratamento: Vivência de adolescentes com HIV/AIDS. *Rev Latinoam Enferm (Online)* 2009; 17(6): 1-8.
16. Jeólas LS, Ferrari RAP. Oficinas De prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. *Ciênc Saúde Col* 2003; 8(2): 611-620.
17. Ribeiro AC, Padoin SMM, Paula CC, Terra MG. O cotidiano do adolescente que tem HIV/AIDS: Impessoalidade e disposição ao temor. *Texto & Contexto Enferm* 2013; 22(3): 680-686.
18. Motta MGC, Pedro ENR, Paula CC, Coelho DF, Ribeiro AC, Greff AP, Padoin SMM, Poletto PMB, Ribeiro NRR, Issi HR, Neves ET, Wachholz NIR, Kreitchmann R, Krue AG. O silêncio no cotidiano do adolescente com HIV/AIDS. *Rev Bras Enferm* 2013; 66(3): 345-350.
19. Salles CMB, Ferreira EAP, Siedl EMF. Adesão ao tratamento por cuidadores de crianças e adolescentes soropositivos para o HIV. *Psicol Teor Pesqui* 2011; 27(4): 499-506.
20. Taquette S. Feminização da AIDS e Adolescência. *Adolesc Saúde* 2009; 6(1): 33-40.
21. Martini GJ, Bandeira AS. Saberes e práticas dos adolescentes na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. *Rev Bras Enferm* 2003; 56(2): 160-163 .
22. Ribeiro AC, Paula CC, Neves ET, Padoin SMM. Perfil Clínico de Adolescentes que tem Aids. *Cogitare* 2010; 15(2): 256-262.
23. Silva ATP, Carvalho KEG, Silva ALMA, Frazão IS, Araújo EC. Intervenções educativas sobre o HIV/AIDS de grupo de adolescentes de escolas públicas do Recife/PE. *Reuol* 2011; 5(spe): 2644-2650. JVBC e FHPCO trabalharam na concepção e na redação final e DCAM, KLLMS e VB participaram na pesquisa e na metodologia

DATA DE SUBMISSÃO: 13/04/2016

DATA DE ACEITE: 07/06/2016